



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 246-260

Nebulosa: mergulho existencial na possibilidade de ser-si-mesma

Nebula: existential dive into the possibility of being-oneself

Jonas Oliveira Dias da Silva

Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

Inúmeros conflitos são vivenciados na fase da adolescência, uma etapa da vida tão plena em conflitos, sentimentos e emoções exponenciais, buscas contínuas em reconhecer-se, em pertencer a uma configuração relacional. Entretanto, situações experienciadas na infância e cuja a lembrança é uma imersão na dor e no sofrimento são trazidas à tona e provocam mais inquietação e desconforto. O objetivo deste artigo é compreender a vivência de abuso sexual sofrido na infância, impetrado por pessoa muito significativa e próxima, com uma adolescente que buscou o Plantão Psicológico para expressar sua história. O trabalho é no viés qualitativo, utilizando parâmetros do método fenomenológico-psicológico que sofre adaptação para realização das falas da discente. A perspectiva de análise dos discursos é na fenomenologia-existencial. Percebe-se o quanto a dor tornou-se companheira dessa adolescente mesmo tendo contado para a mãe o que ocorrera e a justiça ter sido acionada. Conclui-se que atividades como o Plantão Psicológico em escolas de ensino fundamental e médio são ações importantes no que tange ao acolhimento, escuta e cuidado dos adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência, abuso sexual infantil, plantão psicológico, método fenomenológico

Abstract

Countless conflicts are experienced during adolescence, a stage of life so full of conflicts, exponential feelings and emotions, continuous searches to recognize oneself, to belong to a relational configuration. However, situations experienced in childhood and whose memory is an immersion in pain and suffering are brought to the surface and cause more restlessness and discomfort. The objective of this article is to understand the experience of sexual abuse suffered in childhood, filed by a very significant and close person, with a teenager who sought the Psychological Service to express her story. The work is qualitative,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

using parameters of the phenomenological-psychological method that is adapted to carry out the student's speeches. The perspective of discourse analysis is in existential-phenomenology. It can be seen how much pain became this teenager's companion even after telling her mother what had happened and justice having been triggered. It is concluded that activities such as the Psychological Duty in primary and secondary schools are important actions in terms of welcoming, listening and caring for adolescents.

Keywords: Adolescence, child sexual abuse, psychological duty, phenomenological method

Introdução

Para consolidarmos a perspectiva deste estudo, consideramos necessário que percorramos algumas temáticas que subsidiarão a compreensão do leito ao que se expõe como tema central. Desse modo, estaremos apresentando Plantão Psicológico, Adolescer e Fenomenologia.

Plantão Psicológico

Proposta inicialmente elaborada por Rachel Lea Rosenberg, no Instituto de Psicologia da USP, sob o viés da teoria de Carl Rogers, o plantão psicológico (PP) ali desenvolvido trouxe grandes contribuições para a vida de pessoas que, àquele momento, enfrentavam filas grandiosas na tentativa de conseguirem atendimento psicológico.

Parte-se do pressuposto que nem todos necessitam de psicoterapia, mas, por outro lado, é premente a necessidade de suprimos uma lacuna acentuadíssima que ainda hoje temos no sistema de saúde, a escuta psicológica. E o Plantão Psicológico, consolida-se nessa possibilidade.

O PP, aqui apresentado tem como objetivo realizar o acolhimento, a escuta e a prática do cuidado de alunos, docentes e pais de alunos que procuram o serviço para poder lidar com suas



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

demandas emocionais emergenciais e imediatas, sob o viés da Psicologia Fenomenológico-Existencial em escolas da Rede Pública de Ensino em Manaus. Neste caso específico em uma escola da rede municipal.

Compreendamos que acolher é mais do que apresentar nosso melhor sorriso em direção à pessoa que chega em sofrimento, é você colocar-se em disponibilidade para a história que esse outro traz sem lançar um olhar para ela e a situação a partir de conceitos prévios, concepções pessoais ou juízos de valor. É entrega pra com esse Outro.

Por outro lado, o escutar diz respeito a imersão na história que esse Outro nos traz, em seus detalhes e nuances muito próprios, plenos da expressividade de ser quem ele é, de ser a pessoa na qual se tornou. É a real possibilidade de ser-com-o-outro na relação que está sendo estabelecida.

O cuidado é o direcionamento do meu olhar para com esse outro que nos procura. Um direcionar que não toma as decisões ou realiza as escolhas por esse outro. Pelo contrário, cuidar é ir além do zelo e do desvelo. É caminhar junto. Presentificar-se. Tornar-se continente junto a pessoa que nos procura em sua emergência, no caso do Plantão Psicológico, ou no processo terapêutico propriamente dito.

As temáticas trazidas em atividade com a natureza do PP, pela característica de imediatas e emergenciais, são resultado de inúmeras situações plenas em sentidos e significados que compõem a historicidade dessa pessoa. Ao plantonista cabe lançar-se junto com esse outro naquilo que traz, é o **mergulho existencial** que se faz necessário ao desenvolvimento da tarefa. Esse outro é possibilidade, é perspectiva, é poder-ser ele mesmo para além da problemática que o tem arremessado na im-possibilidade.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Encontramos nessa variedade de situações algumas que causam impacto, desnorream. Uma delas é a que será tratada neste estudo, o abuso sexual a crianças, com crescimento exponencial em nossos dias, o que tem chamado muito a atenção de todos os níveis sociais, tendo em vista que, o que há décadas atrás estava restrito a determinadas classes sociais, hoje está presente em todas as esferas da sociedade.

Acolher situação como esta remete o plantonista a uma série de questionamentos, inclusive como a Psicologia tem trabalhados esses casos. Compreendemos que histórias com este teor dinamizam sentimentos e emoções tanto em quem conta como em quem está escutando. Por outro lado, também possibilita crescimento pessoal e profissional, pois lança, um e outro, ao inesperado, `à disfuncionalidade do comportamento, ao aprendizado.

E nesse en-contro, a possibilidade!

Adolescer e sua pluridimensionalidade

A adolescência, fase equivalente ao interstício entre a infância e a juventude é marcada por uma série de transformações na vida da pessoa, desde o orgânico ao psicológico. Dessa forma, o corpo passa por reestruturações e passa a ser percebido, algumas vezes, de modo temeroso dadas as modificações muito intensas que nele se efetivam.

No que tange ao psicológico, novos sentimentos, emoções, valores vão se tornando e são vividos com intensidade, muitas vezes, sem precedentes. O adolescente experiencia as situações nas quais está mergulhado de modo intenso, voraz, como se tudo fosse para ontem, como se não tivesse mais tempo hábil para realizar seus objetivos.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Entretanto, essa fase do desenvolvimento pode ser vivida sob o viés do pesar, da dor e da sensação de penar em virtude a situações que ocorreram em sua vida quando infantes. E uma delas é, sem dúvidas, a lembrança do abuso sexual sofrido.

Em seu estudo Castro (2021), revela que a violência sexual tem sido uma das ações cujo crescimento exponencial tem sido alvo de pesquisas em todo o mundo. E a pessoa que sofre este tipo de violência carrega uma marca indelével e que a acompanhará o resto da vida, tendo em vista que, a ação impetrada contra ela, maioria das vezes, foi impetrada por pessoas significativas e muito próximas.

Na adolescência, as feridas ressurgem com total potência. As feridas voltam a sangrar e, dada a socialização na escola, principalmente as meninas não conseguem falar, se fecham, tornam-se muito reclusas, ensimesmadas em si mesmas, e, o que consideramos mais grave, é o recuo de pais e mães diante da possibilidade de denúncia, em verdadeiro ato negligente para com esse filho ou filha.

Outra questão que agrava a perspectiva de quem passou por essa situação é o fato de ter sido lançada no que consideramos Pacto do Silêncio, quando sob ameaça de não acreditarem na criança, de prometer agredi-la fisicamente. E este movimento cerceia a criança que passa a vivenciar o império do silêncio e a sentir-se culpada por não falar ou por ter demorado a falar. Além de violada e violentada fisicamente, a obrigatoriedade de calar-se, gradativamente, vai minando o psicológico.

Fenomenologia: parâmetros de compreensibilidade!

Seres-em-movimento. Somos movimento. Existir é movimentar-se, provocar mudanças, conviver com as transformações daí oriundas. Fenomenologia é uma proposta que nos conclama a compreender a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

vida cotidiana sob esse viés, a dinamicidade existencial que nos caracteriza como ser-no-mundo (Heidegger, 2013).

Embasado na proposta heideggeriana, Castro (2020, 2022) compreende que o ser humano é processualidade, ou seja, não é apenas comportamento ou respostas sob o viés de traumas e/ou transtornos, somos possibilidade, devir, vir-a-ser. E, neste movimento, temos em nós próprios os elementos necessários ao enfrentamento das situações que provocam dor, inquietação, inflexibilidade no existir, verdades inexoráveis e absolutas.

O ser humano deveria ser concebido na perspectiva de três olhares, a saber: o primeiro, o olhar sobre si mesmo que reza acerca de percebemos quem somos, compreendermos nossa historicidade e priorizarmos a nós próprios, não em detrimento do outro, mas caminhando com esse outro com o qual compartilho meu cotidiano; o segundo, o olhar sobre o outro, no sentido de buscarmos mergulhar em nossas relações para além de sofismas ou leis impregnadas de não nos quais continuamente chamados a vivenciar em nossa relação com esse outro. Esse Outro é o espelho através do qual eu me enxergo. É o que me possibilita movimentar-me para além de mim mesmo. É o que me possibilita ser quem sou e quem me tornei; o terceiro olhar, diz respeito ao fato de que muitos de nós, principalmente em nossas configurações relacionais, não nos permitimos olhar para nós próprios, apenas viabilizamos em nosso viver o que acreditamos que o outro quer de nós, ou seja, caminho cotidianamente em função daquilo que eu acho que o outro quer de mim, e nisso, me deixo ficar e não me reconheço como quem sou.

Em Heidegger (2013) amparamo-nos para ressaltar que uma das características ou mesmo o maior fundamento do ser humano é o Cuidado. Como dizia o filósofo da Floresta Negra, ser-no-mundo é ser-



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de-cuidado. Um cuidado que não é expresso apenas pelo melhor sorriso ou na tapinha nas costas, ou mesmo na oferta de algo a alguém. O cuidado a que se refere diz respeito à responsabilidade de cada um de nós pelo outro, por nós próprios, pela vida.

Merleau-Ponty, fenomenólogo francês, credita ao corpo, a imersão de cada um de nós enquanto corpo encarnado nas situações é que nos possibilita habitar o mundo. O corpo dá sentido ao vivido. Somos corporeidade, ou seja, somos vivência de um elemento potente que sente, percebe, significa. Somos corpo.

Um dos aspectos que a contemporaneidade tem apresentado em crescimento exponencial é a violência sexual contra crianças, sendo que o gênero feminino tem sido o mais atingido. O corpo violado e violentado se torna referência de dor e sofrimento existenciais. É impresso no corpo desse outro o ato violento. Conviver com o próprio corpo significa conviver com a ressonância contínua do que foi praticado contra a criança e se mantém presentes como ferida que sangra ao menor toque.

Método

O estudo é no viés qualitativo de pesquisa que, conforme pressupões Minayo (2014) busca a compreensão do vivido, para além de componentes mensuráveis e quantificáveis. Dessa forma, o universo trabalhado é constituído por valores, crenças, motivações, aspirações, sentidos e significados atribuídos pelo indivíduo à situação ou situações que está vivenciando ou já houvera vivenciado. Ocorre, nesta perspectiva metodológica, a imersão no mundo dos significados e das relações humanas e objetiva compreender a realidade humana em seus telhes e nuances. Trabalha vivências, experiências e a cotidianidade (Giorgi & Souza, 2010)



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O relato de experiência, por sua vez, é uma sucinta reflexão acerca de uma determinada experiência, estratégia de pesquisa científica cujo foco é a análise de um fenômeno atual em seu contexto real e as variáveis presentes e nos permite aprofundar de modo intensivo e sistemático a situação-foco (Castro, 2019).

Participante: adolescente de 12 anos, gênero feminino, 7º ano do Ensino Médio, raça branca e trouxe como demanda ter sofrido abuso sexual inicialmente por parte de seu avô entre 7 e 10 anos de idade.

Local: Sala destinada ao Plantão Psicológico em escola da rede municipal de ensino, em Manaus.

Turno: Vespertino

Análise dos dados: Os pesquisadores optaram por apresentar algumas falas da adolescente coletadas durante o atendimento, o que resultou em uma adaptação do método proposto por Giorgi & Souza (2010) e Pereira & Castro (2019), no sentido de que as falas mais significativas seriam utilizadas como Unidades de Significado (2º passo do método proposto). Em seguida, foi caracterizado o 3º passo desse método, a transformação das Unidades de Significado em uma perspectiva psicológica, o que equivale ir ao encontro do que está sendo trazido naquele relato, o que está sendo dito no que é dito.

Logo em seguida foi realizada a imbricação das falas identificadas com a perspectiva teórica da Psicologia Fenomenológico-Existencial.

Resultados e Discussão

Neste momento apresentamos o relato pertinente ao aconselhamento psicológico realizado e que nos chamou a atenção pela densidade do conteúdo.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Nebulosa é uma adolescente de 12 anos de idade, branca e estuda na turma 7º C, turno vespertino, em escola da rede municipal de ensino na cidade de Manaus, onde é realizado o Plantão Psicológico através da escuta emergencial de situações com as quais os estudantes do 5º ao 9º ano não estão conseguindo lidar e apresenta como consequência uma série de interferências em suas configurações relacionais.

Nebulosa chegou à sala acompanhada de uma amiga, cabisbaixa, sem muito contato visual e com um moletom preto de mangas longas. Ao sentar-se, levantou um pouco a cabeça e deu pra ver seu semblante triste, como se carregasse muita coisa em si, e logo depois já baixou a cabeça novamente.

Algumas situações, a partir do sentido atribuído a elas, nos lançam em verdadeiros redemoinhos emocionais e a dimensão desse sentir é expresso em nosso agir, em nosso apresentar ao outro. A forma como **Nebulosa** se apresentou, naquele momento, demonstrava o rictus de tristeza presente em sua face. Castro (2021) ressalta que um dos aspectos que devemos considerar quando estabelecemos uma relação de aconselhamento ou psicoterapia é colocarmo-nos ao lado desse Outro, presentificarmo-nos e demonstrar o quanto estamos inteiros nesse momento, considerado pelo autor como en-contro.

Ao ser perguntada “o que traz você aqui?” Nebulosa fala sem interrupções tudo o que lhe passava na cabeça, como se já estivesse tudo na ponta da língua pronto para ser expresso e nisso, que o plantonista asseverou: “ela estava tão mal a ponto de externalizar que estava mal”.

É no en-contro, no meu estar em disponibilidade para com esse Outro que me possibilito vivenciar a abertura, o ek-sistir preconizado pelo olhar fenomenológico, no sentido de iniciar o acolhimento antes



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mesmo da fala daquele que nos procura no plantão psicológico ser expressa. Segundo Castro (2021), acolher vai além de receber esse Outro com o melhor sorriso, com o melhor abraço. Ocorre o acolher quando recebemos essa pessoa sem o a priori, sem que se façam presentes nossos pré-julgamentos ou pré-concepções. É quando nos permitimos presentificar junto a esse outro que busca por ajuda.

Antes de começar a falar, se acomodou na cadeira e contou que desde criança sofria bullying. Entretanto, refletiu um pouco e logo mudou o assunto como se tivesse começado por uma temática pela qual não deveria. Nesse momento, para de falar. Percebe-se o incômodo, a inquietação com o que será trazido a partir dali. Recomeçou:

Aos 7 anos sofria abusos sexuais do meu avô paterno e não contei para ninguém até os meus 10 anos, quando finalmente contei para a minha mãe que rapidamente me acolheu e acionou a polícia para prender o meu avô.

Cuidado. Eis o cerne do ser-no-mundo na concepção de Heidegger (2013) que asseverou ser-no-mundo é ser-de-cuidado. Entretanto, há alguns casos em que esse cuidar se torna completamente inautêntico, quando direciono para aquele com quem convivo ações que maculam, violam, violentam. A inautenticidade, nestas situações, é revelada pelo fato de manipular esse outro como se fosse mero objeto que, a meu bel-prazer, de acordo com o meu interesse.

O sofrimento causado deixa profundas marcas naquele que é violado. A violência sexual impetrada contra crianças representa, a nosso ver, um dos aspectos mais aterradores do existir, principalmente em virtude da dor que permanece latente, em contínuo movimento. Um movimento que recorda um momento de extrema angústia. Para Castro



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(2020, 2021) são situações como essas que inquietam com tal dimensão essa pessoa que o ser si mesmo se torna imerso em um caminhar angustiante. Conforme frisa esse autor, a angústia passa a ser companheira de jornada e a angústia é a tempestade do Ser.

Contou ainda que durante esse tempo sentiu-se culpada por não ter dito para a mãe logo no começo dos abusos e relatou que colocou em ação comportamentos autodestrutivos, mas foi amparada pela mãe que prontamente buscou ajuda psicológica para a filha e, com suas palavras, diz que neste tempo passou por:

vários psicólogos e psiquiatras, mas nenhum conseguiu tirar esse desejo de não viver e voltar a gostar da vida, porque não vejo graça nela, vejo tudo em preto e branco (Nebulosa, aconselhamento realizado em outubro, 2022).

Apesar do acompanhamento profissional, Nebulosa não consegue tirar a “sombra” que ainda hoje se faz presente em sua existencialidade. As marcas provocadas pela situação experienciada ainda são feridas sangrando, estão mercadas em seu corpo como manchas a, continuamente, lembrar-lhe o que ocorreu. A dor é sempre presente.

Ser-si-mesmo diante de quadros vivenciais dessa natureza, mostram o que consideramos, a partir de Merleau-Ponty (2011), um corpo marcado e uma corporeidade em silenciamento. A adolescente frisa, com firmeza, o quanto isso deixou ferimentos para além de quaisquer compreensões para aquele que não vivenciou algo similar.

A temporalidade foi vivida de modo a esconder por um tempo o que havia sido impetrado contra ela. Com receio, medo de não ser acreditada, de não ser levada a sério, a adolescente se fecha, enclausura, não consegue ser ela mesma. Ocorre neste momento o que Castro (2021) revela em seu estudo sobre mulheres que sofreram



violência sexual, que o olhar sobre si mesma passa a ser de comiseração, de menos valia, de ensimesmamento.

Contudo, apesar de todo esse arcabouço presente em sua vida, a adolescente ao ser perguntada se a mesma se sentia culpada com o ocorrido, responde que:

eu sei que a culpa não foi minha, mas me sinto mal por ter guardado isso por tanto tempo e não contado para alguém logo no começo (Nebulosa, aconselhamento realizado em outubro, 2022)

Algo chamou a atenção, o apoio e o cuidado da mãe foram fundamentais para que Nebulosa pudesse caminhar de modo mais seguro. Compreende-se com Heidegger (2013) que ser-no-mundo é cuidar, é possibilitar que o Outro consiga alçar seus próprios voos, perceber-se como alguém que, mesmo marcada pela violência e violação sofridas, pudesse entender que havia alguém que estaria sempre a seu lado, sem julgamentos. E essa mãe conseguiu redimensionar esse acolher sua filha de modo mais próprio. Literalmente, apropriou-se da dor de Nebulosa e se manteve firme, caminhando com a adolescente, mantendo-a segura, propiciando que pudesse ir além das profundas fissuras existenciais causadas pelo desrespeito que norteou a ação contra a menina.

Considerações finais

A contemporaneidade tem trazido à baila uma gama imensa de situações que imprimem dor e sofrimento no Outro e, concomitantemente, resultam em impactos muito contundentes nas pessoas que fazem parte da configuração familiar no qual foram impetradas. E, neste caso, o abuso sexual praticado por uma figura significativamente próxima.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O Plantão psicológico em escolas da rede pública de ensino em Manaus, tem revelado uma quantidade representativa desse tipo de situação. Mesmo mantendo a calma, o plantonista é tomado pelo impacto inicial, fica questionando: o que posso fazer? Como posso auxiliar? Será que tenho capacidade para fazê-lo? Indagações que afloram na mente de todos que estão na condição de acolhimento, escuta e cuidado.

Situações sabidamente devastadoras, impactantes e que nos tiram, literalmente, do lugar onde estamos alocados. Contudo, conforme a fala desse Outro é trazida, compreendemos o quanto nossa escuta é essencial para que, nesse falar, a pessoa consiga desvencilhar-se de certezas até então vivenciadas como verdades absolutas e, no aconselhamento, ao trazer sua história, a pouco e pouco percebe-se um ar de alento e de gratidão pela escuta.

Ao discente de Psicologia, a imersão em dores tão imensuráveis possibilita lançar um olhar diferenciado sobre si, sobre o Outro e sobre a própria consecução da Psicologia, que, diga-se de passagem, passa a ser compreendida sob um viés mais amplo, principalmente no que diz respeito à pluridimensionalidade do fazer psicológico para além dos muros teóricos herméticos e arcaicos.

É necessário que mais atividades como essa sejam disseminadas em todas as escolas públicas e privadas de modo a auxiliar os adolescentes em suas dificuldades e, dessa forma, possamos contribuir para uma sociedade em que a saúde mental seja compreendida apenas como a ausência da doença mental. Há premência na presença de estagiários e profissionais de Psicologia desenvolvendo seu fazer no contexto escolar.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Referências

- Castro, Ewerton Helder Bentes (2017). *A filosofia de Martin Heidegger*. In: Castro, Ewerton Helder Bentes (org.). *Fenomenologia e Psicologia: a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa*. Appris,
- Castro, Ewerton Helder Bentes (2021). *Suicídio, autolesão, relações, fatores contemporâneos: a vivência do desamparo sob o viés da Fenomenologia e a clínica dos três olhares* In: Castro, Ewerton Helder Bentes. *Perspectivas em Psicologia Fenomenológico-Existencial: fazeres, saberes e possibilidades* – Editora Dialética, p. 309-330.
- Castro, Ewerton Helder Bentes (2021^a). *Violência sexual contra a mulher: diálogo fenomenológico* Quaderns de Psicologia, v. 23, n 1, e 1633, <https://doi.org/10.665/rev/qpsicologia.1633>
- Giorgi, Amedeo.; Sousa, Daniel (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Fim de século, 279p.
- Merleau-Ponty, Maurice (2011). *Fenomenologia da Percepção*. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura – 4^a ed. Editora WMF Martins Fontes
- Minayo, Maria Cecília de Souza (2014). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade* - 18 ed. - Vozes.
- Pereira, Denis Guimarães & Castro, Ewerton Helder Bentes (2019). *Pesquisa fenomenológica: o método de pesquisa* In: Castro, Ewerton Helder Bentes (Org.) *Práticas de pesquisa em Psicologia Fenomenológica*. Appris, p. 15-32.

Recebido em: 14.12.2022 Aceito em: 16.12.2022 Publicado: 01-01-2023

Autores

Jonas Oliveira Dias da Silva

Graduando em Psicologia na Faculdade Santa Teresa. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). E-mail: jonasdiasd03@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3921-3914>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>